

GLOBALIZAÇÃO CULTURAL E EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA: LÍNGUACULTURA, INTERCULTURALIDADE, TRANSDISCIPLINARIDADE

Vera Lucia Harabagi Hanna*

Resumo: Este artigo traz para o debate os estudos de línguas estrangeiras no contexto de acelerado crescimento comunicacional proporcionado pela simultaneidade dos encontros transnacionais e de globalização do conhecimento. O processo dialógico adotado compreende conceituação própria da Abordagem Intercultural de Línguas Estrangeiras e sua relação com assuntos concernentes à comunicabilidade na contemporaneidade, como as competências global, translingual, transcultural, a globalização cultural e a transdisciplinaridade.

Palavras-chave: Estudos de línguas estrangeiras. Globalização cultural. Interculturalidade.

Language, in all its varieties, in all the ways it appears in everyday life, builds a world of meanings. When you run into different meanings, when you become aware of your own and work to build a bridge to the others, “culture” is what you’re up to. Language fills the spaces between us with sound; culture forges the human connection through them. Culture is in language, and language is loaded with culture (AGAR, 1994, p. 28).

Interdisciplinary studies [...] do not merely confront already constituted disciplines... It is not enough to take a “subject” (a theme) and to arrange two or three sciences around it. Interdisciplinary study consists in creating a new object, which belongs to no one. The Text is, I believe, one such object (BARTHES, 1986, p. 72).

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: veralucia.hanna@mackenzie.br

A GLOBALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

■ O historiador cultural Peter Burke (2012), em *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*, dedica-se a traçar em grande parte das quase quatrocentas páginas de seu livro os caminhos tortuosos que percorremos até chegarmos ao atual estado de conhecimento coletivo; ele discorre sobre a produção de uma história polifônica de informações por meio de múltiplas perspectivas – geográficas, econômicas, políticas, sociológicas – transpondo fronteiras nacionais, sociais e disciplinares. Autointitula-se um autor pluralista que, tal como as opiniões que expõe, acredita em conhecimentos – no plural – já que, “desejáveis, visto que o entendimento surge do diálogo e mesmo do conflito intelectual” (BURKE, 2012, p. 17). Burke relata que as formas de resistência à particularização tiveram início no final do século XIX e adentraram o século XX, quando a ideia de multidisciplinaridade tomou consistência e – “Criticavam-se os especialistas por saber cada vez menos, até saberem tudo sobre coisa nenhuma” (BURKE, 2012, p. 224) – o clima de crítica, como ele o descreve, deu lugar à criação de institutos, sociedades, publicações com aquele intuito. Ao tecer um histórico de enfrentamentos à especialização, impetrado por universidades europeias e americanas, ele vem ao encontro do que acreditamos, no que diz respeito aos diálogos e aos conflitos intelectuais que a própria ideia de interdisciplinaridade sugere, justapondo-se aos autores que aqui compartilhamos, dentre eles Roland Barthes (1986, p. 72), conforme citado na epígrafe, “a interdisciplinaridade consiste em criar um novo objeto que não pertence a ninguém”.

A apreciação de interdisciplinaridade, de Joe Moran (2010, p. 167), convém a esse início, porquanto entendida exclusivamente em um contexto disciplinar – “não existe nada que seja não-disciplinar, ou um conhecimento não-estruturado”, e complementa a explanação de Burke sobre o surgimento de novas disciplinas e consequente institucionalização, caracterizada pela experiência, formação, posicionamento e imposição dos fundadores de departamentos interdisciplinares no campo das Humanidades. Renomados pensadores¹ tiveram a iniciativa de encaminhar os debates para a criação de cursos em universidades na Europa e nos Estados Unidos, mas ainda hoje, segundo ele, não em número suficiente para que as instituições pudessem ser qualificadas como pluralizadas de fato, embora a globalização do conhecimento no momento presente seja real.

A conjectura de Burke sobre o momento atual que qualifica como *Era das Reflexividades* – localizando-a após a queda do Muro de Berlim – para explicitar a abrangência de significados originais do novo período na história do conhecimento é reproduzida em três grandes subtemas, apresentados em Hanna (2016, p. 120-123), e que brevemente reportamos aqui, com o objetivo de alcançarmos a significância de *globalização, interculturalidade, transdisciplinaridade* no escopo dos estudos de línguas estrangeiras. Primeiramente, ele categoriza a *tecnologia do conhecimento*, pertinente à aceleração dos dados digitais, mensurados

1 Conforme deduzimos por exemplos fornecidos pelo autor, renomados pensadores bem podem caracterizar o histórico de interdisciplinaridade nas Humanidades: na França, na Antropologia, o homem tido como o fundador da disciplina, Émile Durkheim (1858-1917), era formado em Filosofia, psicólogo social e filósofo francês, ocupava uma cátedra em Pedagogia e preferia se definir como sociólogo. Bronislaw Malinowski (1884-1942) também é mencionado como outro modelo, que iniciou sua carreira como estudante de Física e Matemática na Universidade de Cracóvia e fundou o Departamento de Antropologia, na Universidade de Clark, em 1888, sendo considerado um dos fundadores da Antropologia Social.

em gigabytes, terabytes, petabytes e hexabytes, em que ressalta o surgimento da internet como um novo paradigma sociotécnico, informacional e global, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital, fato que conduz à segunda percepção, a da *concretude da globalização do conhecimento*, relativo aos dispositivos móveis e ao uso da rede mundial de computadores que desfaz a distinção tradicional de “centro” e “periferia” na *web*, ocasionando um aumento da colaboração transnacional, e, por último, a grande tendência da atualidade, a da *democratização do conhecimento*, pertencente à blogosfera, que acarreta o alcance instantâneo aos bancos de dados, visto que disponibiliza extensivamente informações econômicas, políticas, culturais – é reconhecida como uma nova forma de esfera pública, nomeada de “*ciberdemocracia*” (BURKE, 2012, p. 334-340).

A intensificação do uso da *world wide web* causou expressivas transformações no dia a dia de todos que a utilizam, em que a interconectividade no novo ambiente virtual entre pessoas de costumes, hábitos e comportamentos distintos submete-se a uma exposição contínua, gerando intertextualidades culturais – ou melhor, faz acontecer a *transnacionalização do cotidiano* que, parodiando Burke, é igualmente, muito concreta, trata-se de um novo sistema de comunicação que se utiliza de uma língua universal digital, em que as tecnologias da informação alimentam indústrias culturais e corroboram o surgimento de mercados globais, junto a formas mundializadas de produção e de consumo. Henry Jenkins (2006), diretor do programa de Estudos de Mídia Comparada, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), chama esse fenômeno de *cultura da convergência*, ou *convergência de modos*, e a descreve como a coexistência de múltiplas mídias, ou seja, processos em intersecção de fluidez de conteúdos entre diferentes sistemas, que origina a ruptura e/ou a mescla de antigas formas.

Somos, assim, cada vez mais envolvidos por redes que se estendem para além das fronteiras reais, fato que nos compele a entender o significado de comunicação internacional e intercultural. Por esse ângulo, o aprendizado de línguas a partir de uma perspectiva linguístico-cultural, com vistas a um motivador no exercício léxico-gramatical, concomitante ao entendimento do processo dos encontros culturais, que minimize o choque cultural e conquiste uma sociabilização duradoura, faz com que concluamos que o desenvolvimento da competência global é basilar em um contexto interacional mundializado. Possuir competência global refere-se, primeiramente, a desenvolver habilidade de comunicação recíproca, mantendo-se alerta sobre as diferenças culturais; segundo, a agir cordial e adequadamente em circunstâncias em que os envolvidos se diferenciam; terceiro, a abarcar o comportamento, o conhecimento das práticas, dos produtos e das perspectivas da outra cultura, por último, e para sintetizar o que já foi mencionado, conforme Kramsch e Whiteside (2015), significa saber interatuar com empatia.

A publicação *Global Competence is a 21st Century Imperative* (s. d.), da National Education Association (NEA), define competência global como a habilidade de adquirir conhecimento e compreensão profundos sobre assuntos internacionais. Nela, encontra-se explícita a aptidão de possuir proficiência em línguas estrangeiras – ler, falar e escrever mais de um idioma abre portas para o entendimento de outros povos e culturas, assim como manter um conhecimento internacional histórico, socioeconômico e político e cultivar uma apreciação da

diversidade cultural implica tolerância e senso de cooperação. Para que isso aconteça, a compreensão do sentido de globalização cultural, a prática da interculturalidade, o contato entre pessoas e suas culturas, seus valores, seus modos de vida, a importância do conhecimento de uma língua chamada de comunicação, ou de franca, ou de global, quase sempre o inglês, mas não exclusivamente, se faz mandatário.

A globalização tardia, além de observada como uma espécie de convergência dos meios de comunicação, conforme Jenkins (2006), e observada fundamentalmente em termos econômicos, como sustenta Anthony Giddens (1991, p. 64), representa “a intensificação das relações sociais mundiais que conectam localidades distantes, de tal modo, que acontecimentos locais são moldados por eventos que ocorrem a milhares de milhas de distância e vice-versa”. Paul Jay (2010), ao teorizar sobre a relação entre formas de globalização, utiliza o termo “amalgamação” de formas culturais e econômicas, e explica que o fenômeno rompe com o passado e muda inteiramente a natureza das relações sociais, culturais, econômicas e políticas, impelidas pela explosão radical dos meios eletrônicos de comunicação e tecnologias digitais, acompanhada pela transformação nas atividades comerciais; caracteriza a globalização como algo que nos interessa no recorte que damos a este estudo: “como um complexo conjunto de encontros interculturais”, que no momento presente são promovidos “por sucessivas mudanças históricas nas formas de viagens, comunicação, exploração, conquista e comércio que periodicamente acelera mudanças tecnológicas, econômicas e políticas” (JAY, 2010, p. 34), definição que bem se adapta como prólogo ao que exporemos a seguir.

GLOBALIZAÇÃO CULTURAL, INTERCULTURALIDADE, TRANSDISCIPLINARIDADE

Definir o termo globalização significa igualmente historicizá-lo, situando-o de certa forma a um passado muito longínquo ou como um fenômeno histórico contemporâneo. Preferimos circunscrevê-lo nesta análise, por força de configuração, não como um fato tão antigo quanto à humanidade (STEGGER, 2013), porém localizá-lo, em três grandes ondas, por se coadunarem diretamente ao histórico de expansão das línguas de contato. A primeira, a partir das grandes navegações e colonizações europeias no século XVI; a segunda, provocada pela Revolução Industrial e a consequente londonização do século XIX; e a terceira, já no período contemporâneo após a Segunda Guerra Mundial, a de americanização, e o grande salto de interdependência global.

Ao nos determos no estudo do período da segunda fase da Revolução Industrial que produziu os maiores e mais profundos efeitos socioeconômicos e culturais na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos e, conseqüentemente, em todas as sociedades que tiveram contato com esses países, verificamos que as decorrências linguísticas acompanharam as novas descobertas, a nova terminologia técnica e científica das invenções teve um impacto imediato na língua, conforme explica David Crystal (2001), adicionando milhares de novas expressões ao léxico do inglês, dado que entre 1750 e 1900, norte-americanos e britânicos foram responsáveis por mais de metade das mais influentes inovações científicas e tecnológicas e, portanto, nomeadas, demonstradas em língua inglesa. O resultado do imperialismo econômico trouxe uma nova dimensão ao balanço do

poder linguístico, que ficou claro já no início do século XX, “o inglês se tornara a língua dominante da economia global e política” (CRYSTAL, 2001, p. 76).

Esse pequeno fragmento da exposição de Crystal (2001), do capítulo “Why English?”, em *English as a Global Language*, harmoniza-se com a ideia de Jay no tocante ao dever de nos reconciliarmos, como ele indica, com as histórias de exploração, colonização, descolonização e pós-colonização, entendidas em uma relação dialética com a globalização, já que suas histórias são inseparáveis (CRYSTAL, 2001, p. 33-34). Inglês língua franca, língua global, língua de contato, *globish*, são partes integrantes de *um complexo conjunto de encontros interculturais*, conforme mencionado anteriormente, percepção que pode tornar a afirmação do sociólogo Renato Ortiz (2008, p. 9), “a globalização declina-se preferencialmente em inglês”, mais inteligível. A compreensão do contexto atual em que somos atores principais de procedimentos globalizadores, cujas dimensões sociais, culturais, políticas, econômicas nos fazem circundados por processos interculturais, transcende nosso país de origem e traz à tona a inevitabilidade do uso de alguma língua de interface, além da inglesa.

No contexto de estudos de línguas estrangeiras, recorreremos a B. Kumaravadivelu (2008, p. 37-38), para alcançarmos o sentido de globalização cultural, que a descreve como um processo de fluidez cultural que abarca o mundo e faz com que o contato entre pessoas e as suas culturas – suas ideias, seus valores, seus modos de vida – sejam amadurecidos e aprofundados de maneiras nunca vistas antes – “as culturas estrangeiras”, em suas palavras, “não são mais tão estrangeiras como costumavam ser” (KUMARAVADIVELU, 2008, p. 38). Assim sendo, o docente de idiomas será instado a enfrentar os desafios de desenvolver a consciência de uma competência cultural em si mesmo e em seus alunos, percebendo antes que as práticas culturais se localizam no coração da globalização e que essa não poderá ser compreendida amplamente se não estiver vinculada ao vocabulário de cultura.

Além de aprimorar a competência global no sentido de conhecer e entender outras línguas e culturas, é de suma importância que instrutores e aprendizes valorizem o conceito de o falante ser capaz de *operar entre línguas* – ideia central que compõe as competências *translingual* e *transcultural*, segundo o texto *Foreign Languages and Higher Education: New Structures for a Changed World*, elaborado pela Modern Language Association (MLA), em 2007. Essas competências tratam de treinar os principiantes na língua-alvo a refletirem sobre o mundo e eles mesmos através das lentes de uma outra língua e cultura. Antes de tudo, é preciso que compreendam que os falantes da língua-alvo são membros de sociedades com seus próprios costumes, suas próprias histórias, heranças, crenças, tradições, metáforas; ao mesmo tempo, é importante que reconheçam a si mesmos igualmente como estrangeiros pela visão dos outros. Assumir-se como um estrangeiro e comparar-se como um estrangeiro em relação aos membros de outras sociedades fará com que participantes dispostos a adquirirem as competências *translingual* e *transcultural* sejam motivados a se transformarem, mediante interpretação e tradução, por meio de consciência histórica e política, pela sensibilidade social e pela percepção estética, em um falante capaz de *operar entre línguas*.

Buscamos em Michael Agar (1994, p. 28) a teorização antropológica para o que apresentamos até o momento no que diz respeito à língua, línguas estrangeiras, cultura(s). Retomemos, em vista disso, a epígrafe:

A língua, em todas suas variedades, de todos os modos, aparece em nosso cotidiano... quando nos deparamos com significados diferentes, quando tomamos consciência de nossos próprios significados, e trabalhamos para construir uma ponte entre eles [...].

ele garante que a cultura e a língua avalizarão esse espaço. Afirmar que o entendimento cultural é parte irrestrita da educação linguística é um truísmo, contando, porém, que sempre existe espaço para intensificá-lo, utilizaremos o termo *languaculture*, cunhado por Agar (1994) que, em seu livro *Language Shock, Understanding the Culture of Conversation*, elucida sua intenção ao criar o conceito: a de que seus leitores ao ouvirem a palavra *language*, ou a palavra *culture*, sempre se lembrassem da outra metade (AGAR, 1994, p. 60).

Valemo-nos assim dessa noção, antes de prosseguirmos com outras do autor, porquanto ele a utiliza com o objetivo de teorizar o universo que cobre língua mais cultura, de maneira especial quando se refere à variabilidade da língua-cultura nas interações verbais, não somente entre nativos usuários da mesma língua, mas entre indivíduos que utilizam a língua como primeira ou língua estrangeira, “Diferenças acontecem dentro da própria língua, assim como através dela”, afirma o pesquisador (AGAR, 1994, p. 14). Agar (1994, p. 60) considera o termo *languaculture* desajeitado, mas “uma invenção inevitável”, um lembrete da absoluta necessidade da vinculação das duas partes, não importando se estamos tratando de nós mesmos ou de outros, é algo que pertence a ambos os lados. É importante observar que com base na variabilidade semântica e pragmática da prática linguística, a busca da comunicação intercultural está presente, no sentido de que intenções *linguaculturais* estão ligadas a condições variáveis, social e pessoalmente, funcionam como uma ponte entre a estrutura da língua e o idioleto pessoal socialmente constituído.

Agar oferece em seu livro inúmeras definições de cultura. Mencionamos aqui apenas algumas que, relacionadas ao impacto da língua no convívio com outros povos, nos fazem admitir outras formas de ver o mundo, além da nossa, “A cultura acontece quando alguém aprende a usar uma segunda língua” (AGAR, 1994, p. 20), mas não exclusivamente, acontece do mesmo modo às pessoas quando conhecem outros lugares, quando constroem novos significados. Ele questiona,

O que significa esta cultura que você vivencia? É uma vez que você a vivencia, o que pode construir? O que pode ser feito e o que muda em você? De que maneira faz você crescer à medida que aprende mais e mais? (AGAR, 1994, p. 108).

As asserções do antropólogo não estão relacionadas tão somente, como ele mesmo admite, à compreensão de que a cultura é alguma coisa que outras pessoas “têm” – a cultura austríaca, a cultura mexicana etc. –, mas constitui muito mais do que aquilo, advém do encontro das diferenças e, para que as pessoas possam apreendê-las, dispõem-se a mudar suas próprias convicções. É possível acrescentar a essa concepção, a apreciação de “esfera de interculturalidade” que compreende o entendimento de cultura como diversidade em procedimentos interpessoais e que se aproximam, por sua vez, dos debates sobre o sentido de transnacionalização do cotidiano que deve fazer parte de um círculo de aprendizado comunicativo interativo. A comunicação intercultural somente acontecerá quando puder existir deferência a todos os indivíduos que saberão interatuar entre múltiplas identidades sociais, por meio de um comportamento comunicacional-interacional efetivo em determinadas circunstâncias de

compartilhamento, em meio a múltiplas identidades sociais em que as individualidades sejam respeitadas.

Nessa perspectiva, é significativo mencionar a Abordagem Etnográfica e a Abordagem Intercultural no ensino de línguas por se completarem sempre que pensamos em um falante intercultural, apontado como um mediador entre culturas, como um etnógrafo moderno. A primeira integra o aprendizado linguístico ao cultural facilitando a comunicação e a influência mútua, incitando reflexões culturais, estimulando a comparação entre o “eu” e os “outros”, é multidisciplinar, trabalha com a Linguística, a Sociolinguística, a Antropologia. Na Abordagem Intercultural algumas particularidades podem ser assinaladas, tais como: a ponderação do relacionamento estabelecido entre múltiplas identidades; a apreciação das similaridades e das diferenças entre a própria cultura e a da língua-alvo; a inferência da própria identidade e cultura e o modo como o indivíduo é percebido pelos outros; o desenvolvimento do respeito à individualidade; a negação aos estereótipos; o aproveitamento do conhecimento adquirido para que noções sobre outros costumes, outros modos de pensar possam ser ampliadas.

Sobre a prática linguístico-cultural, devemos estar cientes, mestres e aprendizes, dos objetivos que as tarefas interculturais integram, de modo a criar oportunidades para refletir sobre o comportamento cultural-alvo. Isso posto, prosseguimos com o que Agar (1994) chama de *ato discursivo* e que completa o entendimento de que o êxito da interação está vinculado à percepção mútua das identidades sociais dos interlocutores e à troca efetiva de informações (análogo ao que ocorre na Abordagem Comunicativa de Línguas), além da continuidade das relações. Agar (1994, p. 175) esclarece que atos discursivos têm estrutura, ao mesmo tempo que possuem conteúdo, “Você não fala somente [utilizando] estrutura. Você necessita falar sobre alguma coisa. Toda vez que você fala [conversa], todas as vezes que você ouve alguém falar, está no meio de um ato discursivo”, explica ele, “quer você queira, ou não” (AGAR, 1994, p. 175). A versão do ato do discurso individual nem sempre poderá ser vista como aquela que todos vão entender da mesma forma, se houver algum tipo de problema, pode ser que não esteja relacionado com as palavras ou com a gramática, mas sim com algum tipo de estrutura discursiva fora dessa moldura.

Para que alcancemos o mínimo de comunicação entre indivíduos de línguas distintas, tornar-se-á evidente o conhecimento da cultura do(s) país(es) de contato que será igualmente reivindicado a partir de alguns corolários básicos: a globalização sugere interculturalidade, logo, praticada em contextos linguístico-culturais díspares, a conseqüente intensificação de intercâmbios reivindica conhecimento nos campos mais variados do saber, portanto, de forma multidisciplinar (global, como se observará a seguir).

Antes de discorrermos sobre a importância da integração dos segmentos citados anteriormente, em um contexto de conexão e coerência, preocupa-nos a aplicabilidade de prefixos como *multi-*, *pluri-*, *inter*, *trans-*, acrescidos do substantivo *disciplinaridade*, que marcaram pesquisas humanísticas mais recentes em tentativas de impulsionar intercâmbio e múltiplas formas de abordagens advindas das relações entre os vários ramos do conhecimento, de modo a transcender o escopo estreito de alguns pontos de vista disciplinares nas Humanidades.

Atemo-nos, primeiramente, à *multidisciplinaridade* e à *pluridisciplinaridade* que, segundo José L. Fiorin (2008, p. 37), querem dizer, hoje, a mesma coisa – observados etimologicamente, os prefixos *-pluri* e *-multi*, apresentam “um matiz

diferenciador entre eles: o primeiro indica abundância de elementos homogêneos, enquanto o segundo não traz essa ideia de homogeneidade” – a gradação de sentido, perdeu-se com o tempo, em ambos os conceitos, disciplinas diversas são analisadas sem a obrigatoriedade de intersecção, e explica:

Na multidisciplinaridade (ou pluridisciplinaridade), várias disciplinas analisam um dado objeto, sem que haja ligação necessária entre essas abordagens disciplinares. O que se faz é pôr em paralelo diferentes maneiras de enfocar um tema, que são coordenadas com vistas ao conhecimento global de uma determinada matéria (FIORIN, 2008, p. 37).

Cabe ainda citar o linguista em sua anotação sobre interdisciplinaridade que, como outros pesquisadores, enfatiza a convergência, a transferência de conceitos teóricos e metodologias, a complementaridade e a combinação de áreas que, “com muita frequência”, completa, termina a interdisciplinaridade por dar “origem a novos campos do saber que tendem a disciplinarizar-se” (FIORIN, 2008, p. 38).

A pesquisadora norte-americana Lisa Lattuca (2001), em uma primeira análise sobre interdisciplinaridade, caracteriza-a como a integração de diferentes disciplinas cuja variedade de perspectivas influencia o trabalho final reciprocamente, mesmo que de modo inadvertido. Ela expõe uma tipologia de interdisciplinaridade (LATTUCA, 2001, p. 81-99), nunca antes identificada ou definida (exceto a transdisciplinaridade), direcionada para o ensino e pesquisa, dividida em quatro categorias, descritivas, mas não avaliativas, que exporemos brevemente adiante, e que nos guiarão em direção a optar pelo conceito de transdisciplinaridade, pois se na interdisciplinaridade encontram-se o foco, a integração, a interação e a combinação de elementos, a última oferece fronteiras porosas, em que a transgressão, a exceção, a transformação juntam-se a processos de fusão, de hibridização. Observemos as quatro categorias:

- *Disciplinaridade informada*: é fundamentada por conceitos ou teorias da própria área ou de áreas distintas; apenas emprestar métodos, teorias, conceitos ou quaisquer outros componentes para conduzir uma pesquisa, ou para ministrar um curso, não é o suficiente para entendê-la(lo) como interdisciplinar; a interdisciplinaridade está presente, essencialmente, quando as perguntas dos projetos são interdisciplinares.
- *Interdisciplinaridade sintética*: a ponte entre as disciplinas encontra-se nos interstícios dos campos de estudos cujas contribuições ou papéis podem não ser identificados como de uma única disciplina – especialistas de várias áreas participam de estudos como esses encarregando-se de resolver os problemas disciplinares.
- *Interdisciplinaridade conceitual*: não se preocupa com o domínio de perspectivas disciplinares particulares para resolver problemas, acolhe tantas quantas necessárias para contextualizar as informações; o contexto pode trabalhar como apoio ou como base para críticas. A crítica pode ser a motivação e, ao mesmo tempo, o objeto final da interdisciplinaridade conceitual que pode vir acompanhada de ângulos diversos disciplinares de integração – ambos os lados definiriam a interdisciplinaridade.
- *Transdisciplinaridade*: vista como a aplicação de teorias, conceitos ou métodos através das disciplinas com o objetivo de desenvolver uma síntese

que os ultrapasse, preocupa-se com estruturas ou relações universais; seu objetivo é transcender as disciplinas, mais do que integrá-las. Difere de projetos interdisciplinares no sentido que estes procuram integração, enquanto os transdisciplinares são mais bem definidos como críticos do conhecimento.

Como podemos constatar, novos paradigmas se abrirão na transdisciplinaridade, não há teoria ou metodologia universal, ou unânime, relativa à definição do termo, de acordo com Julie Klein (2013), logo, haverá mais subsídios para se coadunar com as propostas dialógicas apresentadas nesta pesquisa. Agregando as anotações de Lattuca e Klein sobre transdisciplinaridade, buscamos em Fiorin (2008, p. 38) a completude que a elucida para e além das Humanidades, “É transdisciplinar uma poética da ciência. Na poesia, percebem-se analogias, observam-se correspondências, não se respeita a autoridade dos códigos, das estruturas, da tradição, dos significados, do discurso”. Ele fornece alguns exemplos que vão igualmente ao encontro de outros pesquisadores, como Julie Klein (2004), no artigo “Prospects for transdisciplinarity” sobre a ideia de desconstrução que a transdisciplinaridade envolve, “com suas consequentes contradições, paradoxos e conflitos” (KLEIN, 2004, p. 10), em suas anotações: “a transdisciplinaridade é domínio da audácia” (KLEIN, 2004, p. 10) e esta, conclui o pesquisador brasileiro,

[...] que leva a examinar todo o conhecimento, não somente a partir dos três axiomas da lógica clássica (o do terceiro excluído, o da identidade e o da não contradição) nem apenas com base nos princípios que fundam a ciência moderna (o da ordem, que engloba o da determinação; o da separação e o da redução), mas a partir de fundamentos analógicos, de conceitos como caos, irreversibilidade, degradação. As interciências, como as Ciências Cognitivas e a Ecologia, são transdisciplinares. A ecologia é o campo transdisciplinar emblemático, pois contém um saber científico diversificado, utilizado numa concepção generosa, universalizante e redentora da vida do homem no planeta (FIORIN, 2008, p. 38).

A transdisciplinaridade, assevera Klein (2004, p. 524), foi até certo tempo atrás, apenas um dentre os muitos conceitos que tentavam dar conta de descrever o significado de como amalgamar disciplinas diversas, de campos do saber igualmente diversos, para vir a se tornar, no momento presente, mais do que simplesmente moda, para de fato, “tornar-se um imperativo”. Segundo a autora, a transdisciplinaridade se constitui em um contexto específico de negociação, ligado diretamente ao conceito de ação comunicativa que auxilia em sua adoção como preferencial, em razão de ser plenamente aberta, acessível a novos paradigmas; a aceção navega através da disciplina do texto para o contexto e, assim, dos textos para a cultura e para a sociedade, particularidade que nos interessa de maneira específica na configuração de pesquisa que aqui expusimos e, assim, podemos completar, utilizando as palavras da pesquisadora: “A transdisciplinaridade é simultaneamente, uma atitude e uma forma de ação” (KLEIN, 2004, p. 524).

A partir do exposto, e para concluirmos, é possível apreender que a transdisciplinaridade é da natureza dos estudos de línguas estrangeiras sob uma

perspectiva comunicativa intercultural interativa e que as ideias de Agar (1994, p. 14-15) sobre o aprendizado de uma segunda língua, sobre os mal-entendidos que geralmente associamos a uma língua estrangeira, acontecem, similarmente, dentro de nossa própria língua, “[...] aprender uma segunda língua e aprender mais sobre nossa própria língua” garante ele, “em princípio, trata-se da mesma coisa” – conflitos acontecerão, e reconciliações, da mesma forma. Perceber ambas as línguas, a materna e a estrangeira sob um ponto de vista mais abrangente, minimiza os problemas quando da tentativa de uso de ambas para a comunicação – as dificuldades não se localizam em partes do discurso ou nas sentenças, mas sim em miríades de sentenças, nos significados que vão além do que se encontra no dicionário. As dificuldades a que Agar (1994, p. 16) se refere estão nos encontros entre diferentes mundos de *significados*, “os significados que transitam bem além do dicionário, significados que dizem quem você é, com quem você está lidando, o tipo de situação em que você se encontra, como a vida se apresenta e o que é mais importante nela”; esses, esclarece o antropólogo, “são os significados que conectam a língua *dentro* do círculo – a gramática e o dicionário – ao mundo lá fora”.

O mundo lá fora, de Agar, é aquele que nós, partícipes de sociedades multi-língues e multiculturais, integramos em um processo de globalização da economia, da política, da tecnologia, da cultura, que continua trazendo pessoas de diferentes culturas e línguas cada vez mais próximas presencial e virtualmente em um constante movimento intercultural em que novas competências são reivindicadas. Em contexto transnacional, de interdependência global, as gerações futuras terão de assumir efetivamente a identidade de cidadãos mundializados, abertos a diferentes maneiras de ver e representar o mundo. A comunicação no mundo de hoje requer cultura e as diferenças, como ensina Agar (1994, p. 24-30), não são ameaças, mas sim oportunidades, línguas e culturas diferentes poderão nos ensinar a diminuir os conflitos, a abrir linhas de comunicação baseados no que as pessoas são, e não no que elas não são – a cultura muda a maneira como você enxerga as coisas. Uma educação linguística em contextos comunicacionais globalizados como os que vivemos poderá ensinar o léxico e a gramática, mas a ausência da cultura impedirá a verdadeira comunicação; contemplar a linguacultura, a interculturalidade, a transdisciplinaridade mostra-se um caminho promissor a seguir.

CULTURAL GLOBALIZATION AND LANGUAGE EDUCATION: LINGUACULTURE, INTERCULTURAL COMMUNICATION, TRANSDISCIPLINARITY

Abstract: The aim of this study is to discuss foreign language studies in the context of high speed communication in terms of the simultaneity of transnational encounters and the globalization of knowledge. The dialogic process links the Intercultural Approach to Foreign Language Teaching and Learning to concepts concerned to language-culture communication at the present time, such as global competence, translingual and transcultural competences, cultural globalization and transdisciplinarity.

Keywords: Language education. Cultural globalization. Intercultural communication.

REFERÊNCIAS

- AGAR, M. *Language Shock*. Understanding the Culture of Conversation. New York: William Morrow, 1994.
- BARTHES, R. *The rustle of language*. Tradução Stephen Heath. New York: Hill & Wang, 1986.
- BURKE, P. *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia à Wikipédia*. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FIORIN, J. L. Linguagem e interdisciplinaridade. *Revista ALEA*, v. 10, n. 1 p. 29-53, jan./jun. 2008.
- FOREIGN LANGUAGES AND HIGHER EDUCATION: New Structures for a Changed World. Report of the MLA Ad Hoc Committee on Foreign Languages. 2007. Disponível em: <<https://www.mla.org/Resources/Research/Surveys-Reports-and-Other-Documents/Teaching-Enrollments-and-Programs/Foreign-Languages-and-Higher-Education-New-Structures-for-a-Changed-World>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- GIDDENS, A. *The consequences of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1991.
- GLOBAL COMPETENCE is a 21st Century Imperative, an NEA (National Education Association) Policy brief. In: NEA Education Policy and Practice Department, Center for Great Public Schools Washington, D.C. s. d. Disponível em: <http://www.nea.org/assets/docs/HE/PB28A_Global_Competence11.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2017.
- HANNA, V. L. H. Interculturalismo, transculturalismo: reflexões sobre perspectivas transnacionais nos estudos de línguas estrangeiras. In: LUNA, J. M. F. (Org.). *Internacionalização do Currículo: educação, interculturalidade, cidadania global*. Campinas: Pontes, 2016. p. 115-127.
- JAY, P. *Global matters: the transnational turn in literary studies*. Ithaca: Cornell University Press, 2010.
- JENKINS, H. *Convergence Culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.
- KLEIN, J. T. Prospects for transdisciplinarity. *Futures*, n. 36, p. 515-526, 2004. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/222407393_Prospects_for_transdisciplinarity>. Acesso em: 10 out. 2016.
- KLEIN, J. T. The Transdisciplinary Moment(um). *IINTEGRAL REVIEW, A Transdisciplinary and Transcultural Journal For New Thought, Research, and Praxis*, v. 9, n. 2, p. 189-199, June 2013. Disponível em: <<http://integral-review.org/the-transdisciplinary-momentum/>>. Acesso em: 5 jun. 2016.
- KRAMSCH, C.; WHITESIDE, A. What is symbolic competence and what can we do with it? Lecture by KRAMSCH, C & WHITESIDE, A. at Berkeley Language Center, University of California, Berkeley College, November 20, 2015. Disponível em: <<http://blc.berkeley.edu/wp-content/uploads/2015/08/kramschSC.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.
- KUMARAVADIVELU, B. *Cultural Globalization and Language Education*. New Haven: Yale University Press, 2008.

LATTUCA, L. R. *Creating Interdisciplinarity: Interdisciplinary Research and Teaching among College and University Faculty*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2001.

MORAN, J. *Interdisciplinarity*. 2. ed. New York: Routledge, 2010.

ORTIZ, R. *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

STEGER, M. *Globalization: a very short introduction*. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Recebido em dezembro de 2017.

Aprovado em janeiro de 2018.